



[Pés de Barro]

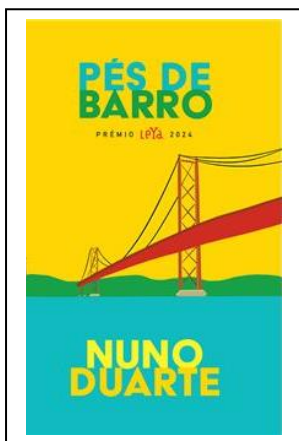
[Nuno Duarte]

[Nuno Duarte] Biografia:



Nuno Duarte nasceu em Sintra, em 1973. Quando abriu os pulmões, já se respirava em liberdade, mas, para efeitos literários, pode afiançar, sem faltar à verdade, que ainda viveu no tempo da outra senhora. Quando abriu os olhos, já havia livros em casa. Havia os do pai, que eram do Steinbeck, do Dostoiévski, do Hemingway, do Ferreira de Castro e do Saramago; e havia os de banda desenhada, que eram do Goscinny, do Hergé, do Edgar P. Jacobs, do Christin e do Moebius. Estudou design gráfico no Ar.Co e começou uma carreira na publicidade onde foi director criativo de algumas das principais agências do mercado e amealhou várias distinções nacionais e internacionais. O gosto pela leitura e pela escrita, mas, sobretudo, a necessidade de perceber como se fazia, afinal, um daqueles livros como os que havia em casa, levaram-no a tentar. E a tentar. E a tentar de novo. Pés de Barro é o seu primeiro romance.

Sinopse de [Pés de Barro]



«Um retrato poderoso e simbólico do fim de um regime, uma história de dificuldades e esperança que bem podia ter acontecido... Estamos em 1962, num país orgulhosamente só, e vem aí a construção da primeira ponte suspensa sobre o Tejo, para a qual vão ser precisos cerca de três mil homens. A obra irá mudar para sempre a paisagem da capital, muito especialmente para quem vive em Alcântara, como é agora o caso de Victor Tirapicos, instalado na casa dos tios depois de ter envergonhado o pai com dois anos de cadeia só por ter roubado pão e batatas para fintar a miséria. É, de resto, pelos olhos deste serralheiro de vinte e dois anos que veremos a ponte erguer-se um pouco mais todos os dias e, ali mesmo ao lado, partirem os navios cheios de rapazes para a guerra do Ultramar, donde muitos acabarão por voltar estropiados, endoidecidos ou mortos. Porém, apesar de a modernidade parecer estar a matar a vida e os costumes do pátio operário onde convivem (amigavelmente ou nem tanto) uma série de figuras inesquecíveis – entre elas o mestre sapateiro que faz as chuteiras para o Atlético Clube de Portugal e um velho culto que aprende a desler –, Victor Tirapicos encontra o amor de uma rapariga que é muda mas consegue escutar o planeta, pressentindo a derrocada da estação do Cais do Sodré e outra catástrofe ainda maior, que se calhar tem pés de barro e só acontece neste romance, mas bem podia ter acontecido.»



Vencedor do Prémio LeYa ansioso por publicação do romance que aborda "Pés de Barro" da ditadura

Narrativa do livro ocorre em Alcântara durante a construção da 1ª ponte sobre o rio Tejo. Nuno Silva Duarte diz que prémio trará mais responsabilidade, mas não vai investir mais tempo na literatura.

OBSERVADOR 06 nov. 2024, 23:57 2



▲ Nuno Miguel Silva Duarte é publicitário e prevê que a sua vida não vá mudar após ter vencido a edição de 2024 do Prémio LeYa

O vencedor do Prémio LeYa/2024, Nuno Silva Duarte, afirmou-se surpreendido pela distinção e ansioso por ver o romance "Pés de Barro" impresso, em declarações à agência Lusa.

Nuno Miguel Silva Duarte disse que este é o seu primeiro romance e quando concorreu tinha a esperança de ser finalista e de "ser lido", mas ter acabado por vencer se afigura como inacreditável.

A obra de ficção aborda o tempo da construção da atual Ponte 25 de Abril, o tempo de ditadura e da guerra colonial, e o autor disse à Lusa que, enquanto escrevia a obra, acabou por sentir "essa revolta" perante esse contexto.



Ainda sob a emoção das felicitações e das entrevistas — **“o telemóvel não pára de tocar”** —, Nuno Silva Duarte não prevê que o prémio vá alterar a sua vida, mas já foi um terramoto, como afirmou.

“Eu sou publicitário e gosto do que faço”, disse, referindo que não vai dedicar mais tempo à literatura, como escritor e leitor, pois, habitualmente, já acorda mais cedo e deita-se mais tarde para ler ou escrever.

O facto de ter recebido este Prémio irá, todavia, **trazer “mais responsabilidade”**. “Vou passar a ler duas e três vezes os originais que enviar para publicar”, disse.

“Pés de Barro”, o romance vencedor do Prémio Leya/2024, **passa-se no bairro lisboeta de Alcântara durante a construção da primeira ponte sobre o rio Tejo**, em Lisboa, em meados da década de 1960, então um bairro marcadamente operário, no seu lado mais popular. A construção começou em novembro de 1962 e prolongou-se por quatro anos, tendo sido inaugurada como Ponte Salazar, a 6 de agosto de 1966, nome alterado depois da Revolução dos Cravos para Ponte 25 de Abril.

À Lusa o autor disse que conhece o bairro de Alcântara “como qualquer lisboeta”, e foi até recebido na Junta de Freguesia, a quem agradece o apoio, reconhecendo “o bairrismo dos alcantarenses”. E espera que o romance não os defraude. “Não tive essa intenção”, disse, realçando que este **“não é um romance histórico, mas sim uma ficção”**.

O autor, de 51 anos, afirmou que “muitas vezes olhamos para a ponte e elogiamos o ter sido construída sem derrapagens e não ter ultrapassado os prazos”. “Foi, de facto, terminada antes do tempo previsto. Olha-se a ponte, mas esquecem-se das suas margens, o seu contexto”, que foi a ditadura do Estado Novo.

“Nós temos o hábito de romancear o passado, mas a verdade é que por baixo daquela ponte passaram os paquetes que levavam rapazes para a guerra colonial, há um paradoxo, e daí o título do romance, ‘Pés de Barro’”.

Este facto não passou despercebido ao júri, presidido pelo escritor Manuel Alegre, que o referiu, realçando, na sua justificação, que “Pés de Barro” tem como “pano de fundo a construção da primeira ponte sobre o Tejo, em Lisboa, e dá-nos um retrato do Portugal dos anos sessenta [do século XX]. Por um lado, a formação de um exército proletário para a construção da ponte, por outro as primeiras partidas do exército para a guerra colonial”. O autor concordou com a opinião do júri que apontou “Pés de Barro” na “tradição do romance político-social”. “Eu tive essa preocupação e a meio do romance senti essa revolta”, disse Nuno Silva Duarte.

“Pés de Barro”, de Nuno Silva Duarte, venceu a edição deste ano do Prémio LeYa, que foi a mais concorrida desde sempre, com 1.123 candidatos, salientou esta quarta-feira Manuel Alegre. O romance vai ser publicado no primeiro trimestre do próximo ano, disse à Lusa fonte do Grupo LeYa.



Nuno Duarte retrata em 'Pés de Barro' a construção da Ponte sobre o Tejo e dos trabalhadores que a fizeram numa obra a que a literatura nacional pouca importância deu até agora. D.R.-Arquivo Municipal de Lisboa

Um ovo de Colombo literário

O Prémio Leya já chegou às livrarias e o autor, Nuno Duarte, venceu com uma obra bastante original, em que pratica uma recuperação da história e com preocupações sociais como é raro.

O título que Nuno Duarte deu ao romance que foi selecionado entre centenas de originais a concurso pelo júri do Prémio Leya na edição de 2024 é *Pés de Barro*. Uma expressão que remata o romance mesmo na penúltima linha da narrativa e que só por si justifica a sua escrita. Não foi a primeira tentativa literária do escritor, pois já tem no computador alguns livros mais ou menos completos, mas que nunca de lá saíram porque, considera, não terem a qualidade suficiente que deseja: “São parte do processo e prefiro olhar para eles como os exercícios que tive de fazer para conseguir escrever este.”

Quando enviou o original, Nuno Duarte não esperava ser o “eleito”, bastando-lhe que alguém do grupo editorial o lesse, gostasse e tivesse interesse em publicá-lo. Admite que pode “ter esperado em ser um dos finalistas, no entanto achava-o muito difícil”. Daí que com o livro entregue aos leitores confesse: “Poucas vezes me terei enganado tanto na vida.” A nova fase de *Pés de Barro* é a de ser lido e o autor tem um único desejo: “Que os



leitores sejam implacáveis com o livro. Exigentes, minuciosos, críticos, chatos, injustos até, mas implacáveis. Tenho aprendido que, quanto mais me apontam os defeitos, maior é a minha vontade de os corrigir. Quero ser melhor escritor.” Não deixa de referir uma situação, a de que “até agora, os leitores têm sido de uma generosidade sem limites”.

Não é, nem será, estranha esta reação a *Pés de Barro* pois o romance tem uma cadência muito boa, a construção é perfeita, sempre com a introdução de novos acrescentos à história principal, sendo que consegue sempre surpreender com o seu desenvolvimento. Até porque sendo o cenário do livro não tão distante assim de uma certa realidade nacional, dos anos 1960, esta vivência tem em muito sido ignorada por outros autores que, por norma, preferem pátios mais na moda do que o popular em que toda a ação deste decorre, permitindo essa reconstrução de um Portugal dos remediados que não tem tanto tempo assim de existência e dar-se a conhecer.

A construção da Ponte sobre o Tejo foi o tema que escolheu e, mais uma vez, tem a particularidade de raramente outros autores lhe terem dedicado atenção, apesar do manancial de histórias que envolveu. Foram elas que fizeram o autor desenvolver esta narrativa em torno de uma presença que não passa despercebida desde que foi iniciada a sua construção. Justifica que a Ponte sobre o Tejo “sempre exerceu um enorme fascínio sobre mim, que a atravessava com a família a caminho das férias num velho Opel Kadett azul-escuro, que carregávamos antes das seis da manhã em Sintra”. No entanto, a ponte era o paralelo fundamental para as memórias que queria contar e que ouvia há muito da sua mulher: “A mãe dela nasceu e viveu num outro pátio lisboeta e ouvi muitas histórias sobre as pessoas que lá conheceu. Que eram, por si só, material literário e alguém tinha de fazer um livro sobre elas. Como eu necessitava de situar o meu pátio operário dos anos sessenta, por ser nessa época que as personagens e as suas vivências se tornavam reais, a construção da ponte foi uma feliz coincidência.”

Nuno Duarte considera que a ponte estava a exigir que alguém lhe contasse a sua história em ficção: “Contra todas as minhas expectativas, ainda ninguém o tinha feito. Na minha inocência de desejar escrever um romance, pensei que esse alguém poderia ser eu.” Ou seja, esta conjugação de memórias e desejos transformou-se num ovo de Colombo literário.

A profissão de Nuno Duarte é na área da Publicidade, de onde têm ido para a literatura vários criativos que se tornaram autores de renome. O autor sabe dessa situação e diz: “Parece-me muito mais fácil a um escritor escrever anúncios do que a um publicitário escrever livros. No entanto, creio que a necessidade e, de certa maneira, o engenho, serão os mesmos: contar histórias com princípio, meio e fim. A diferença fundamental é que na publicidade contamos as histórias que as marcas nos pagam para contar enquanto na literatura contamos as que queremos contar.”

O sucesso de *Pés de Barro* logo premiado com o Leya, ainda não criou em Nuno Duarte a expectativa de enveredar por uma carreira literária: “Sou publicitário, é essa a minha profissão. A literatura foi um atrevimento que correu bem, muito melhor do que estava à espera, mas também é aquilo que mais gosto de fazer e agora sei que consigo. Por isso,



pretendo continuar a escrever, coisa que, aliás, faço todos os dias ou quase, mas, dizer que vou enveredar pela carreira literária, parece-me um atrevimento ainda maior do que ter enviado um original para o Prémio Leya.”

O romance está muito bem "costurado", daí que se deseja saber como obteve este resultado num primeiro romance? Nuno Duarte revela o que aconteceu: “Não o planeei, para além da cronologia a que estava obrigado. Contudo, deitei uma primeira versão quase terminada para o lixo porque estava cheia de problemas. Queria enfiar à força todos os dados que havia recolhido no livro e, às tantas, mais não era do que uma manta de retalhos, para pegar na metáfora da costura.” Não tendo desistido, continuou a escrevê-lo: “O que mais tarde permitiu olhar para todas essas páginas como matéria-prima para, então sim, escrever a versão final.”



Nuno Duarte venceu a edição de 2024 do Prémio Leya.D.R.

O papel de cada personagem na história e o próprio tema do livro não surgiram logo ao início da escrita, tendo em muito contribuído para a versão final a escolha dos dois protagonistas, Victor e Dália. Que estruturou com a intenção que desejava para cada um deles: “O Victor, que é o protagonista, queria-o um jovem que fosse um retrato da época. Teria sido, porventura, mais tentador fazer dele um resistente, alguém com ideias definidas sobre o regime, mas a verdade é que esse não era o caso de uma grande parte da população. Ele não tem grande consciência política no início do livro, apenas daquilo que considera justo e injusto, é o seu percurso que o levará a essa consciência e, até, a uma intervenção política. Fiz dele um ex-prisioneiro em homenagem ao Tom Joad



das *Vinhas da Ira* de Steinbeck. A Dália impôs-se depois, porque na primeira versão não passava de uma personagem secundária, habitante do Pátio do Cabrinha como todos os outros, só que ela começou a aparecer-me nas páginas com mais regularidade do que o esperado, com aqueles «hon» que tanto prazer me deram escrever e acabei por lhe dar um protagonismo e até, na minha opinião, o papel de heroína do livro. O ideal de beleza feminino naquele tempo era a Marilyn Monroe e a Romy Schneider e todas as outras atrizes muito louras e muito perfeitas e eu quis que a Dália fosse o oposto delas.”

Sendo *Pés de Barro* um retrato muito real dos anos 1960, o que pretendeu o autor deixar registado em termos de aspetos sociais e políticos nas trezentas páginas que escreveu? Responde: “O que eu queria, porque era fundamental para a história, era construir um cenário histórico que fosse credível para que, quando fosse lido por quem viveu aqueles anos não provocasse uma reação alérgica de inverosimilhança. Creio que o consegui, a julgar pelo que tenho ouvido.”

Estando o romance recheado de detalhes sobre aqueles anos, pergunta-se que pesquisa fez para se inteirar de um mundo que o autor não viveu por ainda não ter nascido. Explica o processo: “Li tudo aquilo a que consegui deitar a mão e que me fornecesse informação ou permitisse sentir aquele tempo. Desde logo livros de ficção, como o *Seara de Vento* do Manuel da Fonseca, por exemplo. Depois, na Biblioteca Nacional, os jornais da época, com a particularidade de o Diário de Lisboa estar disponível online, bem como no Arquivo da RTP, no Arquivo Municipal de Lisboa e no Centro de Estudos Olisiponenses, onde encontrei muita informação importante sobre o bairro de Alcântara, e também as pessoas com quem falei nessa junta de freguesia e me contaram pormenores importantes sobre a época.”

Nuno Duarte decidiu fazer um final inusitado. Sem se desvendar, questiona-se se era o único remate possível? Revela: “A partir de determinada altura, sim. Como comecei o livro sem estar todo planeado, houve muitas coisas que se foram impondo ao longo da história, surgindo organicamente, como foi o caso do final. Depois de o imaginar, nunca mais pude deixar de encaminhar o livro para ele, com um certo sadismo de quem vai tirar o tapete ao leitor.”

É impossível não referir que em *Pés de Barro* se sente um “aroma” a José Saramago e um paralelismo na história e personagens principais para com o *Memorial do Convento*. Será verdade? Nuno Duarte responde: “Não é a primeira vez que fazem essa comparação, que muito me honra, mas confesso que não foi a minha intenção. Como são dois livros sobre obras simbólicas do regime, ainda que separadas por séculos, talvez não haja como fugir a ela. A Dália, por exemplo, que já vi comparada a Blimunda, era uma personagem secundária na primeira versão, pelo que nunca a imaginei assim. E o Victor Tirapicos, como já referi, é muito mais Tom Joad do que Baltasar Sete-Sóis”.



"Pés de Barro" de Nuno Miguel Silva Duarte é o vencedor do Prémio Leya 2024

06 nov, 2024 - 12:19 • [Maria João Costa](#)

O livro tem como pano de fundo a construção da primeira ponte sobre o Rio Tejo, explicou Manuel Alegre, presidente do júri.



Nuno Miguel Silva Duarte, autor vencedor do Prémio Leya 2024 Foto: DR

"Pés de Barro" de Nuno Miguel Silva Duarte é o livro vencedor do Prémio Leya 2024. De acordo com o júri presidido pelo poeta Manuel Alegre, este é um livro que tem "como pano de fundo a construção da primeira ponte sobre o Rio Tejo".

Este autor, publicitário de profissão e escritor nas horas vagas, sucede assim ao brasileiro Victor Vidal, vencedor no ano passado com o romance "Não há Pássaros Aqui". Segundo o júri, o livro de Nuno Miguel Silva Duarte "atualiza a tradição do romance político-social" e "polariza o seu realismo histórico no quotidiano de um pátio em Alcântara".

Criado em 2008, o prémio no valor de 50 mil euros distingue assim "Pés de Barro", um livro que foi escolhido entre oito finalistas e que nas palavras de Alegre, na cerimónia na sede da Leya, em Alfragide, é um livro que dá "um retrato do Portugal dos anos sessenta".



“Pés de Barro” encaminha-se para o anúncio metafórico do 25 de Abril”, sublinhou Alegre que referiu ainda que este romance fala das “primeiras partidas do exército para a guerra-colonial”.

Pedro Sobral, administrador do Grupo Leya explicou que já contataram o galardado que se mostrou “em choque” com a notícia e que pediu “alguns minutos para se recompor”. Segundo Sobral, o Prémio Leya “tem aberto as portas do mundo literário a autores emergentes”. Este responsável da Leya que é também presidente da APEL aproveitou o momento para uma homenagem ao poeta Nuno Júdice que morreu este ano e que chegou a integrar o júri do prémio.

A edição deste ano foi a mais concorrida desde que foi instituído o Prémio Leya. De acordo com o grupo editorial, foram recebidos 1123 originais, provenientes de 15 países. O Brasil é o país que apresentou mais concorrentes, com 708 candidaturas, seguido de Portugal com 350.

No segundo ano em que a submissão ao prémio foi feita exclusivamente de forma digital surgiram também candidatos de países como Alemanha, Angola, Austrália, Bélgica, Cabo Verde, Espanha, Estados Unidos da América, França, Guiné-Bissau, Itália, Moçambique, Reino Unido e Suíça.

O júri da edição deste ano foi constituído por Manuel Alegre (Presidente), José Carlos Seabra Pereira, Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal), Isabel Lucas, jornalista e crítica literária (Portugal) Lourenço do Rosário, antigo Reitor da Universidade Politécnica de Maputo (Moçambique), Ana Paula Tavares, poeta e historiadora (Angola) e Josélia Aguiar, jornalista e historiadora (Brasil).

Este júri avalia os originais que são enviados sobre anonimato. O nome do autor do romance vencedor é apenas conhecido depois de tomada a decisão do júri.

Desde 2008, este prémio já deu a conhecer 12 romances inéditos e revelou alguns nomes que passaram a figurar no meio literário. O grupo Leya já publicou também outros 39 inéditos que não chegaram a vencer o prémio, mas que estiveram entre os finalistas.



“Pés de barro” de Nuno Duarte

Heróis imperfeitos

Rua de Baixo - [Carlos Eugénio Augusto](#) on Maio 25, 2025 at 11:39 am

O período do Estado Novo é profícuo em histórias, mitos e relatos da luta entre quem professava a liberdade e queria atingi-la e outros que a tinham como refém, assumindo-se donos da mesma. Foram mais de quatro décadas onde a tirania de um governo fascista oprimia tudo e todos, principalmente as classes sociais mais desfavorecidas, subjugando-as a um papel secundário, sob o lema “Deus, Pátria, Família”, uma trilogia que, segundo António de Oliveira Salazar, era apregoada como base da educação nacional.

É nesse contexto que nasce [Pés de barro \(Leya, 2025\)](#), estreia literária de Nuno Duarte e vencedor do Prémio LeYa 2024, um magnífico retrato de um Portugal que não se quer



repetido, que ficou “lá atrás”, apesar de o contexto político e social atual ameaçar seriamente a presença de ecos desse tempo de trevas.

A narrativa estende-se entre 1962 e 1966 e tem como foco a construção da ponte sobre o Tejo, outrora Salazar, hoje 25 de abril, e reflete sobre um país “orgulhosamente só”, nas palavras do ditador nascido em Santa Comba Dão, dividido entre a aposta na modernidade e a manutenção de um império colonial à beira do colapso. Mas, para levar essa obra avante, a qual iria mudar a paisagem da capital, especialmente para quem vivia em Alcântara, eram precisos três mil pares de braços.

Victor Alves Lima Tirapicos, protagonista deste livro e nascido a 1 de maio, algo que gostava de manter em segredo, foi um dos jovens que tentou a sua sorte em Lisboa, como serralheiro nas obras da ponte, após ter cumprido dois anos no Linhó, o que destruiu a sua relação com o pai, por roubar batatas na mercearia da terra, mais precisamente na “Ilha das Cobras”, uma aldeia sublinhada com os traços do Castelo dos Mouros, em Sintra.

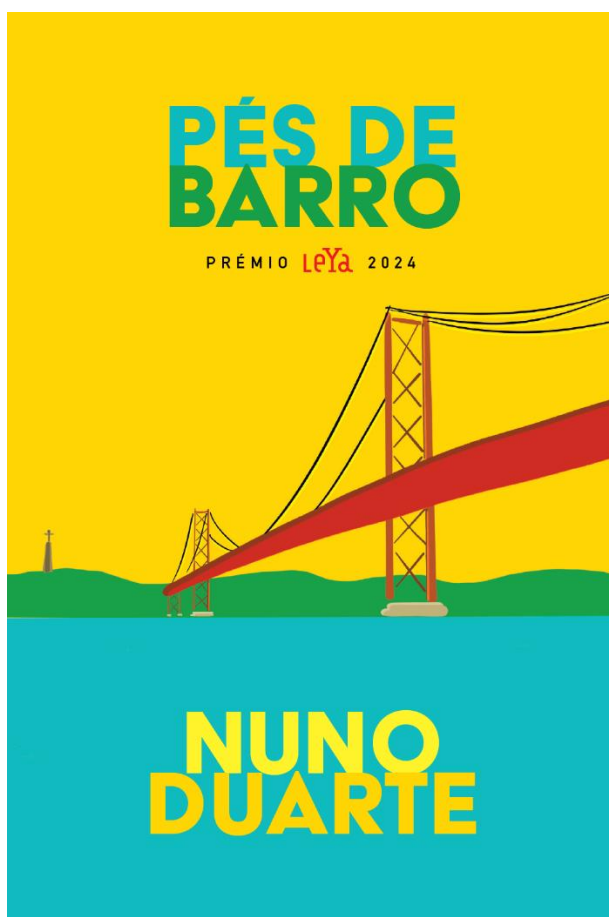
Com apenas 22 anos e já marcado pelas malhas da prisão, Victor assenta arraiais na casa dos tios em Alcântara, e, todos os dias, faz o percurso até às obras da ponte, de onde tem vista privilegiada para o cais de onde partiam navios cheios de jovens para a guerra do Ultramar, donde muitos voltarão num caixão, outros estropiados e alguns inteiros, mas sem o juízo. Enquanto para uns tanto a construção da ponte, que orgulhará todos os portugueses e fará Portugal maior por esse mundo fora, como as lutas armadas em África, significam a evolução e modernidade, para outros, como os residentes do Pátio do Cabrinha, em Alcântara, tal era sinónimo de preocupação, perda de identidade e mais miséria.

Entre essas figuras desgostosas, mas inesquecíveis, estão, por exemplo, o tio Artur, marido da tia Ema, irmã da mãe de Victor, mestre sapateiro que fazia as chuteiras para os jogadores do seu amado Atlético Clube de Portugal; Ângelo, um velho culto que ensinou Victor, «surdo de palavras escritas», a compreender as letras, mas que a velhice acabou por condená-lo a aprender a «desler»; o Lúcio da tasca, que dizia as coisas duas vezes; a Odete peixeira, cuja língua afiada se fazia ouvir no Estádio da Tapadinha; o desprezível Josué, dono do ferro-velho; Quim Tirapicos, irmão de Victor, cujo sonho era ir para a Universidade; e Dália, a muda que trabalha com a tia Ema na fábrica da Regina, que «cheirava a chocolate» e tinha «a capacidade de ouvir o mundo», pressentindo as tragédias, e dona do coração de Victor.

É através dessas (e de outras...) pessoas que ganharam vida na cabeça de Nuno Duarte que vamos conhecendo o quotidiano de um bairro ameaçado pela miséria e abafado pelos efeitos da construção da ponte, mas que também representava a vontade de lutar por um país melhor, mais junto e livre – apesar da omnipresença das malhas apertadas



da PIDE que boicotava qualquer tentativa de insubordinação dita comunista em nome da estabilidade de uma pátria pobre governada por um hipócrita líder que apregoava vitórias em África sem lá pôr os pés, como cobarde que sempre foi –, servindo este romance para explorar os contornos da fragilidade moral e ética de algumas figuras que, erradamente ou não, admiramos, sejam elas públicas, familiares ou até simbólicas.



Para a conceção desta narrativa, Nuno Duarte apostou, certamente, na exploração de uma premissa assente na provocação direta, questionado a bravura, com ou sem aspas, de alguns heróis que tanto moram no nosso bairro, como aqueles que apenas ouvimos na rádio, sendo o título deste romance nada mais nada menos do que o questionar a valentia heroína de gente que, afinal, tem os pés enterrados em solo instável, vulnerável. Daí resulta também um confronto constante face à falência de uma ideologia bacoca, que, por via de um brilhante domínio da língua portuguesa, que resulta numa escrita ágil e envolvente, com destaque para uma pontuação disruptiva e a edificação de frases longas, dinâmicas, onde se sublinha o “poder” das vírgulas, leva Nuno Duarte a construir personagens “reais”, imperfeitas, com dilemas que ecoam as tensões de uma sociedade a contas com lutas operárias, ameaças de greve e o serviço militar obrigatório e a quase consequente chamada para o Ultramar.



O enredo, ainda que sempre à espreita de momentos de maior ação e intensidade, não estivéssemos a falar de um contexto operário subjugado ao poder das hierarquias, acaba por dar primazia à reflexão. Isso porque estamos perante uma trama que não se limita a julgar ou absolver os seus protagonistas, mergulhando-nos nos seus conflitos internos, mas sim permitir que o leitor “sinta” o peso das suas escolhas e atos. Para isso, muito ajuda o estilo direto e sem concessões de Nuno Duarte que tem o condão de conferir ao texto um tom cru e, muitas vezes desconfortável, elementos que conferem mais força e coesão a este romance.

Tudo é feito, escrito e lido, em prol de uma inteligente “exploração” de temas como a integridade, o poder, a corrupção do idealismo e a inevitável colisão entre o que se espera de alguém e aquilo que essa pessoa realmente é, sem nunca esquecer uma crítica subtil, mas persistente, aos mecanismos sociais e mediáticos que constroem e destroem reputações ao sabor das conveniências. Para que essa mescla temática se mostre segura, Nuno Duarte apoia-se numa escrita madura que equilibra momentos de introspeção com outros de maior ritmo e que nunca nos “arrasta” ou passa a sensação de enfado.

Assumindo-se como um dos retratos mais fiéis da sociedade portuguesa durante o Antigo Regime, explorando com sentido de humor as peculiaridades do desenrascanço e a chico-espertice “tuga”, *Pés de Barro* é um livro obrigatório, uma leitura que desafia a olhar além do que está à tona, mas também uma obra sobre o desencanto e a aceitação da imperfeição como um traço universal nascido nas zonas mais sombrias da condição humana e que dá lugar a heróis sem capa, pejados de defeitos, que, entre a procura e a perda da esperança, lutam pela merecida redenção. Mesmo que isso, neste romance, signifique um final inesperado com laivos de uma vingança que abre portas a uma revolução que deu nome a uma ponte, muitas ruas e largos, como também a monumentos que vestem Portugal de norte a sul e que servem como um constante lembrete para salvaguardar o presente e o futuro que se querem livre de ditadores de pacotilha ou regimes de braço em riste.



Entrevista. Nuno Duarte: “Até há seis meses nem era escritor. Tive o atrevimento e correu bem”

por [Magda Cruz](#), 27 Junho, 2025 / Comunidade Cultura e Arte



Nuno Duarte passou de desconhecido do público leitor a vencedor do Prémio LeYa. Em 2024, foi o escolhido pelo júri com o seu primeiro livro, “Pés de Barro”, em que ficciona a construção da Ponte sobre o Tejo – hoje Ponte 25 de Abril –, a partir de um pátio em Alcântara, onde vive Victor, que vem trabalhar na ponte, e Dália, a muda que cheira a chocolate.

A que chegou a ser Ponte Salazar era, para o escritor, o “símbolo máximo do Estado Novo”. E, nesta entrevista a Magda Cruz, deixa um ponto assente: não podia escrever um livro passado durante o Estado Novo que não batesse no regime. Nuno Duarte nasceu anos antes da Revolução dos Cravos, detesta a ditadura e sublinha que é um tempo a que não quer voltar, apesar de sentir algum saudosismo, nos dias de hoje, vindo de algumas pessoas.

Neste episódio do “Ponto Final, Parágrafo”, Nuno Duarte reflete sobre a importância do Prémio LeYa, sobre se tornar escritor e sobre como não sente pressão do mercado



editorial para escrever um novo romance. Aliás, já escrevia o segundo livro quando nem sabia da atribuição do prémio, e ideias para três ou quatro livros não lhe faltam, garante.

Magda Cruz: Este seu “Pés de Barro” é livro fulgurante. É muitíssimo elogiado pelos leitores. Venceu o Prémio LeYa mais recente, o de 2024, entre centenas de submissões. A editora Maria do Rosário Pedreira diz que foi um ano de muitas boas submissões. A minha pergunta é: como é que vai fazer para escrever um segundo romance igualmente bom ou melhor?

Nuno Duarte: Já me fizeram essa provocação várias vezes. E eu respondo sempre mais ou menos da mesma maneira. Eu não me sinto minimamente preocupado ou pressionado a fazer o que quer que seja a seguir, porque a minha vida... Eu não escrevi a vida toda, eu sou *designer* de profissão, embora seja *designer* muito sofrível, e entrei na escrita há meia dúzia de anos. Há uns 15 anos, que foi quando eu comecei a tentar. E, portanto, aquilo que já consegui, com uma tentativa... concretizada [risos].

MC: Não foi uma tentativa falhada. É de facto um romance incrível.

ND: Se eu não conseguir mais nada a partir daqui, por mim está tudo bem. [risos]

MC: Essa é uma posição mesmo interessante. Assumindo que já escreve... Há aquela expressão de “escrever para a gaveta”. Chegando aqui, e sentindo que o Prémio LeYa às vezes até muda o rumo de alguns escritores. Passam a ser mais conhecidos. Mesmo com esse conhecimento por parte do público eleitor não há... Se calhar há vontade de escrever um segundo romance, mas já não há...

ND: Há imensa vontade de escrever um segundo, que por acaso até já está a ser escrito. Já estava a ser escrito quando fui surpreendido com o prémio, mas estará mais ou menos a meio. Agora deixei-o guardado porque agora, [há] Feira do Livro [de Lisboa], presenças nalguns sítios, a promoção do livro, que saiu há pouco tempo, há um mês. E, portanto, achei melhor parar um bocadinho. É a primeira vez que paro tanto tempo de escrever, porque normalmente escrevo todos os dias. E, portanto, não me faltam ideias. Se se eu agora fosse obrigado, se me apontassem uma pistola e tivesse de escrever dois ou três livros seguidos, eu já tinha ideias para dois ou três livros. Ou pelo menos princípios de ideias.

MC: Então não sente que o mercado literário lhe esteja a apontar essa arma à cabeça.

ND: Eu nem sei o que é isso do mercado literário. Eu até há seis meses... Agora dizem que eu sou escritor, não é? Eu também já digo, porque o Prémio LeYa permite-me dizer que sou escritor, mas eu até há seis meses nem sequer era escritor, não é? Era só publicitário e tive o atrevimentozito e que correu muito bem, correu muito melhor do que aquilo que eu esperava. [risos] Portanto, eu sou bocadinho estrangeiro, estranho numa terra estranha, para frasear um título de um livro. E estou a aprender como é que isto tudo funciona, se calhar por inconsciência, mas não sinto essa pressão.

MC: Isso é muito interessante, sentir-se... houve uma altura que marca o antes e o depois de se sentir escritor.

ND: Sim, sim, sim.



MC: E mesmo a editora Maria do Rosário Pedreira teceu esses elogios ao livro e até disse na apresentação do livro «Este é o primeiro romance publicado de Nuno Duarte, mas muitos outros há de ter escrito para chegar a este nível de escrita». Ou seja, eu até acho que com alguém que escreve desta maneira só podemos querer ler mais.

ND: Ainda bem. Eu agradeço imenso esses elogios e, aliás, eu acho que tão espantado estive com a vitória no prémio LeYa, como estou com a reação que o livro está a ter. Se nunca esperei ganhar um prémio destes, se calhar ainda menos esperava que a reação, por um lado das pessoas, e essas eu vou tomando o pulso nas redes sociais, que é onde eu posso, e agora em dois ou três sítios onde vou. Depois há a reação das outras pessoas mais profissionais, digamos assim, dos críticos mais respeitáveis, que são opiniões mais...

MC: ...mais trabalhadas, fundamentadas.

ND: Mais fundamentadas, pessoas que estão mais habituadas a ler com um espírito crítico mais apurado, são mais implacáveis, não é? E naturalmente menos generosos e ainda bem. E, portanto, essas reações também têm sido boas. Até agora, tudo tem corrido muito bem. É bocadinho aquela... Eu se não tivesse quase 52 anos, era capaz de ficar meio deslumbrado com isto tudo. A idade já me permite olhar para isto ainda com espanto, muito espanto, continuo a viver ainda sem perceber bem o que é está a acontecer. E muito agradecido por isto tudo.

MC: Estava a falar nisso e estava a lembrar-me do artigo que o crítico literário João Céu e Silva escreveu, que é um exemplo disso: tece elogios, mas fundamenta-os bem e é exemplo disso que tanto leitores como os críticos estão a gostar do livro.

ND: Não recebi muitas críticas oficiais, mas o Miguel Real também fez uma crítica simpática no *Jornal de Letras*. O João Céu e Silva. E depois tive algumas reações de pessoas que não sei se lhes chamamos críticos, mas são pessoas por quem eu tenho um profundo respeito. Por exemplo, o João de Melo, que por acaso tenho aqui um livro dele, por curiosidade, que é uma pessoa de uma generosidade...

MC: Colegas casa, da LeYa.

ND: Agora sim. Ele tem sido uma pessoa de uma enorme generosidade sempre que me vê e teve o cuidado de me enviar uma mensagem a dizer que tinha gostado muito do livro. E isso para mim tem valor acima de... sei lá. Assim como este fim de semana, tive uma pessoa. Eu estive em Marco de Canaveses, no festival literário de Marco de Canaveses, e foi lá uma pessoa de propósito para ouvir a conversa que eu ia ter com o João Tordo. Portanto, foi nos ouvir aos dois, mas fez não sei quantos quilómetros... Não sei se foi do Porto. Fez não sei quantos quilómetros só para falar de livros e para ouvir falar de livros. E isso é uma coisa absolutamente extraordinária porque eu continuo a ser a mesma pessoa que era dantes, e nunca ninguém tinha feito quilómetros para me ouvir falar de coisa nenhuma. [risos] Nem eu faço quilómetros para me ouvir falar de coisa nenhuma. Portanto, ter de repente pessoas que fazem um esforço.

MC: e esse leitor já tinha lido «Pés de Barro»?

ND: Sim, esse leitor fez uma crítica absolutamente elogiosa do livro numa página que tem, no *Instagram*, dedicada a livros. Ele é um leitor habitual. Esse e outros, mas esse eu sei



que fez esses quilómetros de propósito, e eu acho que é uma coisa, é comovente, não é? Saber que uma pessoa se dá ao trabalho de ir fazer os quilómetros para ouvir este palerma. [Risos]

MC: Mas de certo modo esperava um público eleitor mais implacável?

ND: Esperava. Eu desejo que as pessoas sejam implacáveis porque eu já aprendi que quando me fazem críticas negativas, quando me picam de alguma forma, eu primeiro fico muito chateado e amuo e tal, mas depois vou para o meu canto a pensar no que é que aquela crítica quer efetivamente dizer. Pode ser só gratuita e nesse caso eu depois já tenho, acho eu, maturidade para ignorar, ou mesmo que seja gratuita se tiver algum fundo de verdade que eu possa melhorar a seguir, eu vou fazê-lo. Já tive, não lhes vou chamar críticas, mas já tive pelo menos uma nota de uma pessoa que me chamou a atenção de um erro que tem, um erro factual, de uma arma que era utilizada, que eu refiro que era uma e era outra. Esse tipo de coisas, então, eu agradeço muito. Agora, de facto, as reações têm sido todas muito boas, tirando aquelas pessoas que de certeza nem sequer leram o livro e que vão para o *internet* dizer mal, mas isso gente sabe que seja logo for [risos], há sempre duas ou três que, só porque sim, o livro ainda não tinha saído, já estavam a dizer que era o título era plágio...

MC: A sério? Não me cruzei com isso.

ND: Sim, mas isso é cómico.

MC: Eu gostei muito do título. João Céu e Silva revela que só se percebe o título lá para os finais, nessa busca pelo título que também alguns leitores fazem. E não é muito literal, é muito interessante.

ND: O título foi das últimas coisas a surgir. Tinha muitos [títulos], eram todos maus e isso arreliaava-me imenso.

MC: Mas este título já foi assim para a submissão do prémio?

ND: Já, já. Eu até já tinha entregado, entre aspas, a duas ou três pessoas em quem confio para fazer uma leitura e tinha outro título qualquer. E este surgiu provavelmente numa das minhas corridas. Não fui atravessar a ponte, mas uma das minhas corridas. E eu não queria que coisa fosse literal e na verdade, sim, a expressão de «Pés de barro'» só aparece mesmo na penúltima frase do livro. Mas todo o livro é sobre isso, sobre um estado, um regime que todo ele estava assente em pés de barro. Não só a ponte. Saiu bem, por acaso acho que saiu bem. [risos] Quando lá cheguei, disse: «Pronto, era disto que eu estava à procura», porque de facto os títulos que eu tinha tinham todos a palavra «margem» e eram todos fraquitos.

MC: «Margem» que também é simbólico. É de onde partiam os navios para levar os nossos militares; é onde se passa a construção da ponte.

ND: Sim, interessava-me muito mais escrever sobre aquilo que está na margem do que propriamente sobre a parte técnica da ponte, e por isso é que o título andava sempre à volta da margem, a margem disto, a margem daquilo, mas os títulos eram assim, todos um bocado «nho, nhós» [risos]. Ainda bem que apareceu este, porque este realmente acho que é um bom título.